

NEM TUDO QUE É POSPOSTO É NOVO: ESTATUTO INFORMACIONAL DO SN E POSIÇÃO DO SUJEITO EM PORTUGUÊS

Rosane de ANDRADE BERLINCK¹

- **RESUMO:** Esse artigo discute a associação corrente entre, por um lado, posição pré-verbal e informação dada e, por outro, posição pós-verbal e informação nova. A análise da posição do sujeito em um *corpus* diacrônico do português brasileiro e do português europeu mostra que essa associação não é necessária. De fato, sujeitos informacionalmente dados também podem ser pospostos. Além disso, o sujeito posposto pode aparecer em duas configurações diferentes – VXS ou VSX –, dependendo do grau de dadidade ou de previsibilidade dos elementos do comentário. A ordenação desses elementos segue um princípio de “equilíbrio da informação”, segundo o qual o último elemento da frase é o mais “pesado” do ponto de vista da informação, quer ele seja o sujeito ou um complemento.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Língua portuguesa; variação lingüística; ordem de palavras; posição do sujeito; estatuto informacional.

Introdução

O estudo da ordem de palavras e, em especial, da posição do sujeito na frase está tradicionalmente ligado à idéia de que há uma correspondência entre o fluxo informacional no discurso e o modo como os constituintes são dispostos na frase. Essa idéia, que nos vem modernamente das propostas do Círculo Lingüístico de Praga (Mathesius, 1929; Firbas, 1964; Sgall, 1967, 1969), foi amplamente explorada em um número grande de estudos (Hetzron, 1975; Lira, 1982; Givón, 1976, 1977, 1978, 1979, 1983, 1988; Payne, 1987a, b; Delbecque, 1987; Berlinck,

¹ Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

1988, 1989), provando que constitui, no mínimo, uma intuição empiricamente fundamentada.

Apesar de os princípios da “Perspectiva Funcional da Sentença”, como definida pelos estudiosos de Praga, estabelecerem diversos graus de *dinamismo comunicativo* segundo os quais os elementos da frase seriam ordenados, boa parte dos estudos que testaram a validade dessa correlação se limitou a um enfoque binário (*dado* versus *novo*). Como resultado dessas análises, concluiu-se que os elementos pré-verbais tendem a ser “dados”, enquanto o traço “novo” caracteriza os elementos pós-verbais. Essa oposição reflete a estrutura funcional da frase, composta de duas partes principais – o *tema* e o *rema*. A posposição do sujeito teria assim uma função essencialmente “apresentativa”, introduzindo novos referentes no discurso.

Meu objetivo aqui é questionar a associação “pré-verbal – dado/pós-verbal – novo”, com base em resultados de um estudo recente sobre a posição do sujeito em português (Andrade, 1995). Minha proposta não é de todo original. Ela é, de fato, tributária das conclusões de Votre & Naro (1986) sobre a correlação entre o estatuto informacional do SN-sujeito e a posição que este ocupa na frase. No entanto, minha análise difere dessa em alguns aspectos. Antes de estabelecer essas diferenças, é necessário, porém, considerar o que constitui, em linhas gerais, a proposta dos dois autores.

A análise de Votre & Naro

Votre & Naro (1986) afirmam que, embora o valor “apresentativo” se associe com frequência à ordem VS, não é ele que explica a ocorrência da posposição do sujeito. Sua afirmação se baseia na análise de 400 ocorrências de ordem Verbo Sujeito e um número correspondente de ocorrências de Sujeito Verbo na variedade falada do português do Rio de Janeiro. O *corpus* se limita aos casos potencialmente variáveis, excluindo, assim, toda frase que, segundo os autores, não poderia ter ocorrido na outra ordem. Como decorrência desse critério, foram também excluídos os casos com objeto direto realizado, já que praticamente não apareceram na ordem VS.

Entre os vários fatores considerados na análise, Votre & Naro examinam a possível correlação entre a ordem dos constituintes e o estatuto informacional do SN em razão de sujeito. Para isso, propõem quatro categorias distintas de conteúdo informacional: *evocado*, *disponível*, *parcialmente novo* e *completamente novo*.

A primeira delas corresponde à noção de “dado” no discurso, não necessariamente sob uma forma idêntica. O conceito de “disponível”, por sua vez, supõe que o referente é “*prontamente acessado pelo ouvinte*”, mesmo sem ter sido mencionado anteriormente. Isso inclui casos de referentes “únicos” (como “o sol”, “o Ministro da Fazenda”), referentes “irrelevantes” para o prosseguimento do discurso (como os indefinidos “todo mundo”, “gente”, “tudo”), referentes que são do conhecimento compartilhado pelos interlocutores e referentes “inferíveis” (na acepção de Prince, 1981).

Por *parcialmente novo*, os autores designam os referentes que ainda não estavam nem presentes nem disponíveis no discurso, mas cuja introdução é feita por meio de algum tipo de conexão com um elemento “evocado” ou “disponível”. É o caso do SN em “*Aí, enche o estacionamento da “Casa da Banha”*”, já que “a Casa da Banha” constitui um referente acessível para o ouvinte (Votré & Naro, 1986, p.468). Finalmente, *completamente novo*, como sugere o termo, se refere aos elementos totalmente ausentes do discurso até o momento de sua menção.

A idéia corrente de que a posposição serve basicamente para “apresentar” referentes supõe que estes sejam novos no discurso. Os resultados da análise de Votré & Naro mostram que essa expectativa não reflete os fatos:

Tabela 1 – Distribuição dos referentes de VS e SV pelas categorias informacionais principais (adaptado da Tabela 1, de Votré & Naro, 1986, p.469)

Ordem	S	V	V	S
Categoria informacional	N	%	N	%
Completamente novo	0	-	5	2,89%
Parcialmente novo	19	12,60%	54	30,70%
Disponível	35	23,20%	67	38,19%
Evocado	97	64,20%	50	28,10%
Total	151	100%	176	100%

Nos casos de SV o sujeito é preferencialmente *evocado*, como previsto. No entanto, em VS, a esperada concentração do sujeito nas categorias que exprimem o conceito de “novo” (*parcialmente novo* e, sobretudo, *completamente novo*) não acontece. O sujeito de VS é, na maioria dos casos, *disponível*. Essa categoria, porém, é seguida de perto pelos casos de

parcialmente novo e *evocado*. Por outro lado, constata-se a raridade das ocorrências de *completamente novo*, tanto em SV, quanto em VS.

Esse quadro é interpretado pelos autores, muito corretamente, como um indício de que o estatuto informacional do SN em razão de sujeito, pelo menos da forma como foi analisado, não é um fator suficiente para explicar a ocorrência da posposição. Em contrapartida, Votre & Naro propõem um outro princípio explicativo: o princípio da *polaridade*. Segundo eles, a ordem em que um elemento aparece na frase depende do grau em que esse elemento é central ou periférico em termos comunicativos. O *pólo* (ou ponto de referência) da frase corresponde ao constituinte apresentado como central na comunicação. Discursivamente, isso corresponde ao elemento para o qual a informação é apresentada como pertinente. No nível sintático, a coincidência entre o *pólo* e o sujeito é o caso mais frequente.

A variação entre SV e VS se define, assim, em razão do “fluxo discursivo”. Ao contrário do que ocorre com o sujeito na ordem SV, o sujeito pós-verbal é periférico em relação ao fluxo. Na ordem VS, a informação não é dirigida para o sujeito; na verdade, a frase é apresentada como um bloco indivisível de informação relativa a um acontecimento ou a uma dada circunstância. No nível do texto (em especial em textos narrativos), esse tipo de frase é utilizado para contextualizar ou para reforçar a idéia central que é comunicada, e não para fazer avançar a narração. Ou seja, a frase VS faz parte do que convencionou-se chamar *backgrounding* nos estudos relativos à estruturação do texto, por oposição a *foregrounding* (frases SV) (Givón, 1977, 1982; Hopper, 1979; Hopper & Thompson, 1980, entre outros).

Embora a análise de Votre & Naro constitua um avanço inegável para compreendermos a variação da ordem de palavras, ela não esgota a relação entre esse fenômeno e o estatuto informacional do SN. Isso se deve, a meu ver, às características próprias ao *corpus* analisado pelos autores: constituído a partir da variedade falada do português brasileiro, ele reflete o estado atual do fenômeno na língua. Minha análise mostra que é possível aprofundar a relação já citada se ampliarmos o espectro de fontes linguísticas observadas.

Novos problemas

Um dos objetivos principais de meu estudo sobre a posição do sujeito em português (Andrade, 1995) é detectar possíveis mudanças na

ocorrência da posposição do sujeito, comparativamente no português brasileiro (doravante, PB) e no português europeu (doravante, PE) Para isso compus um *corpus* abrangendo três momentos históricos distintos das duas variedades – os séculos XVIII, XIX e XX O enfoque diacrônico determinou o trabalho com fontes linguísticas escritas ²

Essa maior abrangência do material analisado proporcionou uma maior variedade das possibilidades de posposição Em trabalhos anteriores (Berlinck, 1988, 1989) já havia mostrado que, em períodos mais antigos do PB, a ordem VS ocorria não apenas em construções mono-argumentais, como também, com frequência significativa, em construções pluri-argumentais O mesmo se dá na análise de 1995, como ilustram as frases em (1) e (2), respectivamente ³

(1)

- a) () tirando aquella unica vez, que o encontrou, como declarado tem, o não tornou mais a ver, e muito menos teve com elle communição alguma, sendo certo, *que logo muito poucos dias depois succedeu a sua prisão*
(PB – século XVIII) (Inconfidência, 63 78)
- b) Com semelhante jardineiro não murchará o alecrim de D. Clons
(PE – século XVIII) (Judeu, 211 6)
- c) As pedras, é verdade, acabaram, *mas não acabaram as pancadas que se deram*
(PB – século XIX) (baianas, 113 13)
- d) Quero tirar-lh'a, o gajo põe a mala no chão para me pregar dois estalos – e eu agarrei os dois estalos, mas fui também agarrando a mala!
– Apenas lhe deito a unha – não vos conto nada – eu vos conto tudo!
– não foi mais do que dizer ao melro – “Vae roubar a tua avó torta!” Zaz-traz! – *desapareceu o gatuno!* Foi com certeza roubar a avó!
(PE – século XIX)(Garndo, 124 1)

2 Buscou-se minimizar o viés da escrita pela seleção de textos que representam formas relativamente mais distensas de uso da língua. Assim, o *corpus* foi formado, basicamente, a partir de correspondência privada e peças de teatro (especialmente comédias). A escassez de fontes para o século XVIII determinou o recurso a modalidades diferentes de texto para esse período – autos de inquéritos e relatos de viagens.

3 As indicações em parênteses junto aos exemplos referem-se à fonte de onde foram retirados, com número de página e linha.

(2)

- a) Avistada a Tropa com o cabo *lhe pediu João Leite que fizesse a resenha prometida tantas vezes não só em S.Paulo, mas no Sertão, (...)*
(PB – século XVIII)(Sertanistas, 123:9)
- b) Meu filho chegou bem e sexta-feira parte para essa Universidade, e rogo vivamente a V.S^a o advirta em tudo e tome sempre na sua proteção *para que cumpra elle com os seus deveres.*
(PE – século XVIII) (Pina, 124:3)
- c) *Tinha eu meus quinze anos* quando lá apareceu, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio.
(PB – século XIX) (Pena, 302:31)
- d) Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José Marques...hade conhecer... – Não conheço: admira-me. – Tem estado quasi sempre no Brasil e em Inglaterra, veio estabelecer-se aqui agora. Compra tudo quanto apparece em bens de raiz. *Esta manhã ficou elle de me trazer aqui o dinheiro.*
(PE – século XIX) (Garrett,11:37)

A possibilidade de VS em construções pluri-argumentais contrasta fortemente com o que se observa no PB moderno, como provam os resultados de Votre & Naro (1986) e de Kato et al. (no prelo). Além disso, esse fato traz novos desafios para a compreensão do fenômeno. Se, por um lado, fica reforçada a afirmação de Votre & Naro de que a função “apresentativa” é apenas uma das funções da posposição, deixa-se em aberto a questão de qual seria a função de VS no contexto pluri-argumental. Até que ponto o princípio da *polaridade*, proposto pelos dois autores, é aplicável a casos de posposição em construções pluri-argumentais?

Um segundo aspecto a considerar é a posição do sujeito posposto. Desde os estudos de Tarallo & Kato (1989) não se pode mais ignorar a natureza heterogênea da posposição. Não vou me deter aqui nesses trabalhos, cujas propostas discuto em outros textos (Andrade, 1995; Berlinck, em preparação). Limito-me a lembrar as diferentes possibilidades de ordem VS apresentadas por esses autores: os casos de “anteposição do verbo” (3a-c) e o “deslocamento à direita” ou “antitípico” (4a-b).

(3)

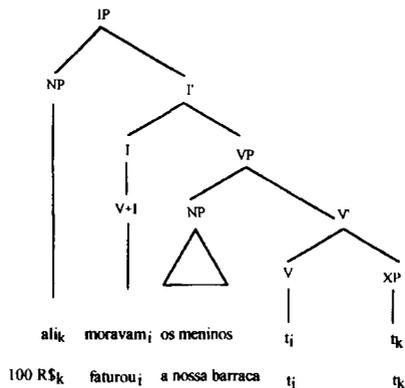
- a) Telefonou um cliente.
- b) Ali moravam os meninos.
- c) 100 R\$ faturou a nossa barraca.

(4)

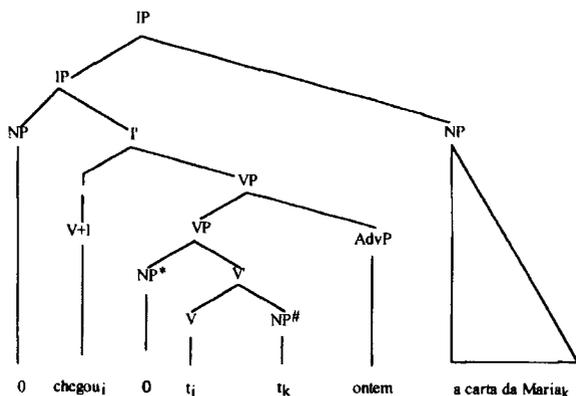
a) Chegou ontem a carta da Maria.

b) Tá pronto o vestido azul.

De acordo com Tarallo & Kato, tem-se em cada caso uma estrutura diferente: no primeiro, o sujeito se encontra no domínio da frase; no segundo, o SN está colocado fora da frase, em adjunção a ela.⁴ Minha análise revela, porém, que essas duas configurações estruturais não esgotam todas as possibilidades de posicionamento do sujeito posposto. Tomemos as frases em (5).



(4a)



4 As representações que seguem ilustram as diferenças estruturais propostas pelos autores. Elas se baseiam nos princípios de descrição gramatical do modelo gerativo (Chomsky, 1981, 1982; Koopman & Sportiche, 1991).

(5)

- a) Tendo chegado aqui as Ordens, como V.S^{ra} sabe, para nova eleição dos Governadores e para tomar o Comandante de Armas a patente mais graduada, recaiu este comando em Manuel Pedro.
(PB – século XIX) (baianas, 76:11)
- b) – Vai buscar o meu capote, e cobre-o, que está tremendo o miserável.
(PE – século XVIII) (Judeu, 181:24)
- c) Aí está como acontece a um naturalista uma coisa que nada tem de natural!
(PB – século XIX) (Tribofe, 53:31)

Segundo a proposta de Tarallo & Kato, (5a) constitui um caso de “anteposição do verbo” e (5b) um exemplo de “deslocamento à direita” ou “antitópico”. A frase em (5c), no entanto, não se enquadra em nenhuma dessas análises: o sujeito aparece em posição final de frase, mas não pode ser interpretado como antitópico, pois a variante com um pronome co-referente em posição inicial não é possível (cf. (6)). A exigência de o sujeito estar colocado imediatamente após o verbo também elimina a possibilidade de interpretar a estrutura como um caso de anteposição do verbo.

(6)

* Aí está como ela , acontece a um naturalista uma coisa que nada tem de natural !

A partir desses fatos, quero defender a necessidade de uma terceira configuração possível para VS – VXS, com o sujeito no domínio da frase. Assim, o sujeito posposto pode ocupar três posições básicas, que correspondem às três configurações seguintes: VSX, VXS e VX # S.⁵ A determinação dessas configurações passa, inevitavelmente, por um exame do estatuto informacional do SN-sujeito e de seu valor discursivo. É a pertinência dessas idéias que desejo demonstrar a seguir através da discussão dos resultados que obtive.

5 O símbolo # marca o limite do domínio da frase, indicando que S se encontra fora desse domínio, em adjunção a ele. A variação X corresponde a um complemento, seja de natureza actancial ou circunstancial.

Uma análise “parcialmente” nova

Sem perder de vista as conclusões de Votre & Naro (1986), meu estudo da posição do sujeito em português (Andrade, 1995) tenta refinar a análise do estatuto informacional do SN. Num primeiro momento, esse aspecto foi avaliado qualitativamente. As categorias propostas pelos dois autores foram mantidas, com duas modificações: os casos de *inferível* foram classificados em uma categoria independente dos outros “disponíveis” e a categoria *evocado* foi desmembrada em duas, distinguindo-se os casos em que a menção é dada textualmente daqueles em que o referente é dado no contexto situacional (pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas e dêiticos, principalmente). Os resultados gerais dessa análise para os períodos modernos das duas variedades estudadas (PB e PE) estão na Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência de ordem VS segundo o estatuto informacional do sujeito, no PB e no PE modernos

Estatuto informacional	Dado na situação	Dado textual	Inferível	Disponível	Partil novo	Completa. novo	Total
Variedade							
PB	11,5% (8/69)	12% (59/501)	17% (97/568)	16% (78/486)	27% (73/267)	62% (92/149)	20% (408/2040)
PE	25% (6/24)	12% (41/348)	16% (56/341)	49% (176/357)	30% (78/260)	49% (37/76)	28% (394/1406)

Desses resultados se depreende que, embora seja sensível à maior novidade do referente do sujeito, a posposição é possível mesmo com sujeitos relativamente mais “dados”, o que vem confirmar as conclusões de Votre & Naro. A ocorrência da ordem VS com sujeitos “novos” não constitui um problema para as análises do fenômeno: sempre se pode argumentar que a posposição cumpre, nesses casos, uma função apresentativa. Esse argumento, porém, não pode ser facilmente estendido aos sujeitos “dados”. Assim, propus um exame mais detalhado dos casos de posposição com sujeitos desse tipo.

Limitando-me aos casos de *dado textualmente*, operei uma análise quantitativa do conteúdo informacional do SN, que situa a menção analisada em relação ao contexto que a precede (Givón, 1983, 1988). A idéia básica subjacente a essa avaliação é de que a noção “dado no dis-

curso” esconde uma gama heterogênea de graus de “dadidade”. As diferentes distâncias possíveis entre a menção analisada e a menção anterior de um mesmo referente equivalem a SNs relativamente menos ou mais “dados”. A hipótese de que essas diferenças de grau pudessem ter algum tipo de correlação com a variação entre as configurações possíveis de posposição se mostrou pertinente. Vejamos esses resultados.

A análise mediu a distância entre o SN analisado e sua menção anterior em número de orações que as separam. Seguindo Givón (1983, 1988), considerou-se o limite de 20 orações anteriores. Os SNs cuja menção precedente se situa há mais de 20 orações foram incluídos na categoria [20 ou +]. Tendo em conta, ainda, as diferentes posições que o sujeito posposto pode assumir, os casos de VSX e de VXS foram analisados separadamente.⁶ As Figuras 1 e 2 apresentam esses resultados para o PB e o PE modernos.

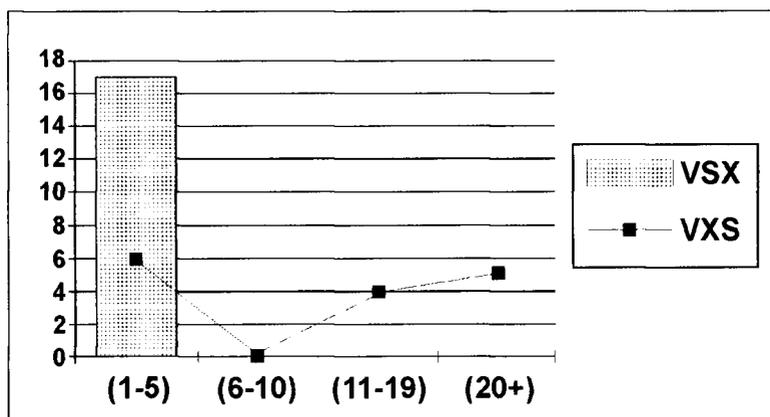


FIGURA 1 – Distribuição do número de casos de sujeitos pospostos de tipo *dado textualmente*, segundo a configuração em que ocorrem e a distância que os separa da menção anterior, no PB moderno.

6 Os resultados que seguem se limitam aos casos em que o elemento X é lexicalizado. Sem essa restrição, não é possível indicar, sem lançar mão de outros critérios que os meramente formais, qual é a posição exata do sujeito posposto. Esse mesmo critério me levou a analisar conjuntamente os casos de VXS e de VX # S, nesse primeiro momento, já que na maioria das vezes não são formalmente distintos na modalidade escrita.

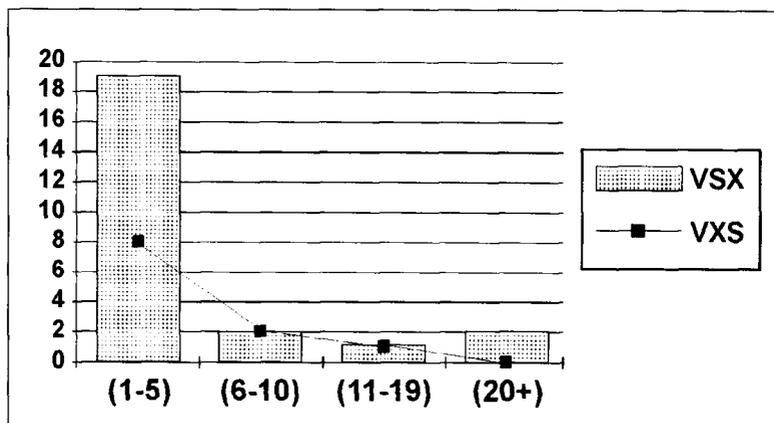


FIGURA 2 – Distribuição do número de casos de sujeitos pospostos de tipo *dado textualmente*, segundo a configuração em que ocorrem e a distância que os separa da menção anterior, no PE moderno.

Vários comentários podem ser feitos a partir dessas figuras. Um fato que chama a atenção imediatamente é a predominância dos casos de VSX sobre os de VXS. Outro dado interessante é a concentração dos casos de VSX na faixa de (1 – 5); ou seja, o S de VSX tem sua menção anterior predominantemente no contexto imediato próximo. Os resultados do PE diferem em relação aos do PB, na medida em que também encontramos ocorrências de VSX com sujeitos cujas menções anteriores se situam a distâncias relativamente maiores. Ainda assim a correlação preferencial entre VSX e o traço [*dado* no contexto precedente imediato] é inegável para ambas as variedades do português. Esse padrão fica confirmado ao se analisarem dados de outros períodos da língua, como mostra a Tabela 3.

Os resultados abaixo revelam que, no português dos séculos XVIII e XIX, assim como nos estágios modernos da língua, o sujeito da configuração VSX é tipicamente *dado* no contexto precedente imediato. Essa consistência de comportamento leva a afirmar que tal correlação constitui uma característica geral da ordem de palavras em português.

Já a configuração VXS, por outro lado, não apresenta um padrão consistente de distribuição. Na verdade, tanto a tendência observada para VSX quanto a aparente ausência de tendência para VXS exigem mais explicações, que apenas a análise de alguns dados vai revelar.

Tabela 3 – Distribuição de sujeitos pospostos de tipo *dado textualmente* segundo a distância que os separa da menção anterior, na configuração VSX, no PB e no PE dos séculos XVIII e XIX

Variedade	P	B	P	E
Data	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XVIII	Séc. XIX
Distância				
(1 – 5)	68 (82%)	24 (96%)	31 (74%)	39 (87%)
(6 – 10)	7	1	7	3
(11 – 19)	3	0	3	3
(20 +)	5	0	1	0
Total	83	25	42	45

(7)

- a) Não quis negar o grande talento poético do Junqueiro; só quis mostrar a sua absoluta nulidade como poeta-filósofo. Li há pouco a notícia, dada muito a sério pelo Agostinho de Campos, de que o homem decidira deixar os seus escritos filosóficos, em testamento, como a mais preciosa cousa do universo – ao Estado, à Nação Portuguesa. (v. *Antologia Portuguesa*, do Aillaud e Bertrand, Junqueiro, Introdução, p.XXIX. Toda essa Introdução merece ser lida, como documento da mentalidade portuguesa.)

Diz o homem que em duzentas e cinqüenta páginas nos vai dar “um sistema completo de filosofia, como o de Comte...” (Sérgio, 155:14)

- b) Lourival me disse que tinha estado aí e falou em vocês, principalmente na Lulu. *Acha ele que você vai bem.* (Graciliano, 131:15)
- c) Mas que hei de fazer? O médico aconselhou-me uma série de banhos de mar; e, morando em Santa Tereza, *seria isso impossível...* (Gonzaga, 6:8)

Nas frases em (7), o sujeito, que aparece numa configuração VSX, é *dado* no contexto precedente próximo. Em (7a,c), o referente do SN aparece mencionado duas orações antes; em (7b), ele está presente na oração imediatamente precedente. Em todos os casos, o sujeito é expresso por um pronome ou por uma expressão nominal anafórica. Comparemos agora esses dados com as frases em (8).

(8)

- a) Recebi também o cartão que você me mandou no outro dia. Quando eu tinha saúde mental, ou tinha mocidade, nem sei! eu sempre fui muito sensível a êsses artiguetes efusivos de admiração com que os rapazes, na verdade, mais exercem a glória de ser do que nos compreendem. Mas ultimamente dei pra me comover com essas manifestações felizes. É generoso, é abastança, é força da vida, é mocidade, é principalmente mágico. Talvez nada exista de mais sublimemente trágico nas relações do homem para com a Divindade do que êsse rito da magia como (sic) que o homem constringe o Deus e O obriga a praticar o que o homem quer. *Tem muito dessa magia a admiração dêsses rapazes* e no rito dos seus escritos explosivos êles nos convertem muito à sua imagem e semelhança. (Mário, 124:10)
- b) Havia uma folha do *Magriço* quasi impressa: mas que importava; ainda assim eu o abandonava e ia para a *Divina-marca* com elle que lá se imprimirá mais baato e tam bem, e a diferença dá demais para a perda do que está feito. Agora porém tudo está suspenso por outra razão. Se minha mulher estiver capaz, em um mez ou pouco mais, da viagem – do C. eu acceito o generoso e sincero convite dos meus amigos sem duvida, sem hesitar um momento – porque me parece que os conheço e me conheço. Senão, será mais uma desgraça minha – e no rol de tantas, paciência! venha mais essa. – Assim bem vê o meu bom amigo (e os meus amigos ambos – que para ambos é esta carta; e eu nem cabeça nem tempo tenho para fazer separação) que só por todo o março poderei ir, se puder. E só accrescento, que *fico contando as horas*. – Mas se eu não puder ir a tempo aviso. – *Por ora até segunda ordem fica pois suspensa a impressão do “Dom Magriço”*. – (Garrett, 29:31).

Ao contrário do que se vê em (7), as frases em (8) apresentam uma configuração VXS. Os sujeitos – “a admiração dêsses rapazes” e “a impressão do Dom Magriço” –, embora *dados textualmente*, se encontram a uma distância relativamente grande de sua menção anterior – 15 orações antes (8a) e 19 orações antes (8b) – e não são expressos por meio de pronomes, mas de SNs plenos.

Analisando comparativamente essas características, conclui-se que os sujeitos das frases em (8) têm uma carga informativa maior que aquela dos sujeitos em (7). A distância que separa as menções constitui um fator significativo na determinação desse conteúdo: quanto mais distante estiver de sua menção anterior, menos previsível será o referen-

te e maior a necessidade de expressá-lo por meio de um sintagma nominal pleno, a fim de que possa ser recuperado (Ariel, 1987). Elementos que “carregam” mais informação correspondem ao *foco* da sentença. Assim, chega-se a uma associação entre a posição final de frase e o valor focal.

Essas correlações permitem também uma leitura inversa, que é comprovada pelos dados. Quanto mais próximo de sua menção precedente, mais previsível é o referente. Sendo facilmente recuperável, ele pode ser expresso (quando o for) através de pronomes ou expressões nominais anafóricas. Normalmente, esse elemento não tem valor focal, aparecendo, quando posposto, entre o verbo e um complemento.

Algumas exceções aparentes vêm confirmar o quadro que acabo de expor.

(9)

- a) Um dia, Santini lembrou-se de que o inventor das palavras se esquecera também de registrar a propriedade dessa invenção. *E registou-a ele*, tornando-se proprietário da língua que falamos, desapossando-nos legalmente do uso que dela fazíamos havia muitos séculos. (Abeilaira, 46:22)
- b) Achou estranho que há tantos mezes tussa, num paiz como o nosso e, mal tocou batendo com o punho nos dois lados por cauza do som, embora eu não achasse diferença, *achou-a elle* e disse que era “mattuité que j’avais”. (Nobre, 56:12)
- c) Mamãe: Recebi agora a sua carta e uma nota para compra de feijão, carne, farinha, etc. Não li a nota, mas penso *que estavam nela os objetos mencionados*. (Graciliano, 114:7)

Nesses três casos de VXS, ao contrário do que vimos até agora, os sujeitos são *dados* no contexto precedente imediato. Além disso, em (9a-b) eles são expressos por pronomes. O que parece contrariar as tendências reveladas anteriormente, no entanto, é apenas uma variação do valor focal que recebe o elemento em posição final de frase. Com efeito, todos os sujeitos em (9) representam o *foco* da sentença, mas um *foco contrastivo*. Em todas as frases, a “novidade” que outorga o valor de *foco* ao sujeito está no contraste que se estabelece entre o sujeito e um ou mais elementos, presentes no contexto anterior (casos de a-b) ou presupostos a partir da própria enunciação do SN-sujeito (9c). Assim, conclui-se que a distância “quantitativa” entre as menções é apenas uma das possibilidades de manifestação de uma distância “qualitativa”, que corresponde ao grau de previsibilidade do referente. A imprevisibilidade

de, que caracteriza a interpretação de *foco*, pode ser dada não necessariamente por um número elevado de orações intervenientes, mas pela presença de referentes concorrentes no contexto próximo.

As frases em (10), que poderiam representar outras exceções ao padrão observado para VXS, são, de fato, exemplos de um tipo diferente de estrutura – o *deslocamento à direita* ou *antitópico*.

(10)

- a) Porque assumir uma atitude, pregar coisas contra as minhas convicções ou dúvidas, era sempre perseverar no teatro, e num teatro em que a minha idade e experiência já não me permitem mais ser galã. Ora o meu gênero, a minha posição de ribalta me impõem a personalidade do galã. *É sarcástico isto...* Mas, não sei si pelo pêso da minha honestidade ou pela seriedade que ponho em tudo quanto faço. (Mário, 28:19)
- b) Esta peste deu no portador dêste, um menino, aliás, predestinado, pois se chama Jesus da Silva. Um nome que não pode ser simplesmente mais alto e mais humilde – porque o apelido Silva é quase equivalente a zero. *Tem 22 anos o meu Jesus*, e está, com a mãe e os irmãos menores, atolado na famosa miséria brasileira... (Lobato, 85:1)

Nesses casos, o sujeito *dado* no contexto precedente próximo não possui valor focal, mas constitui, na verdade, o *tópico* da sentença. Seguindo a análise proposta por Tarallo & Kato (1989), adoto para essas frases a estrutura em que o SN está fora do domínio da sentença (v.4, estrutura (4a)), que represento aqui de modo simplificado como VX # S.

Assim, os resultados aparentemente pouco expressivos obtidos para a configuração VXS (Figuras 1 e 2) são o efeito da natureza heterogênea dos casos incluídos nessa categoria. Por um lado, temos casos em que o sujeito tem valor de *foco* (“contrastivo” ou “não marcado”). Por outro lado, estão as ocorrências de construção de *antitópico*. As duas construções se diferenciam igualmente segundo a distância que separa o SN-sujeito analisado de sua menção anterior. No primeiro caso (VXS), a menção precedente pode tanto estar no contexto anterior imediato, quanto muito distante da oração em análise. No caso do *antitópico* (VX # S), apenas a primeira opção está disponível. As diferenças funcionais das duas construções justificam e determinam a adoção de estruturas distintas.

Conclusão ou por que nem tudo que é posposto é “novo”?

A análise dos casos de sujeitos pospostos de tipo *dado textualmente* na seção 3 revelou que o caráter heterogêneo da posposição, postulado primeiramente por Tarallo & Kato (1989), comporta três estruturas distintas, em que o sujeito se caracteriza por valores discursivos diferentes: VSX, VXS e VX # S. Seria possível encontrar algum princípio geral subjacente a essas três possibilidades?

Segundo os princípios que regem o ato de comunicação, especialmente o princípio da *cooperação* (Grice, 1975, p.45-6), considera-se que a expressão de uma informação “nova” constitui uma condição necessária para o sucesso do ato comunicativo. Por outro lado, a expressão do elemento “conhecido” serve de base de sustentação para o elemento novo, na medida em que indica para que “arquivos” de sua memória o interlocutor deve dirigir esse último elemento.

A distribuição das informações *dada* e *nova* na frase se caracteriza igualmente por um aspecto quantitativo: uma frase contextualizada tende a ter mais de uma “peça” de informação conhecida, mas, geralmente não apresenta mais que uma “porção”⁷ de informação nova (Givón, 1984; Du Bois, 1987; Chafe, 1987). Isso se explicaria pelo fato de que a percepção do que é novo, e que, conseqüentemente, exige um esforço maior de atenção, constitui uma capacidade cognitiva limitada.⁸

Tendo em mente essas idéias, voltemos aos dados.

(11)

- a) *seria isso impossível...*
- b) *Tem muito dessa magia a admiração dêsses rapazes (...)*
- c) *Tem 22 anos o meu Jesus, (...)*

As frases em (11) reproduzem um exemplo de cada uma das três construções com sujeito posposto: VSX, VXS e VX # S, respectivamente.

7 O termo “porção” (minha tradução para “chunk”) foi emprestado de Givón (1990, p.898), que destaca a ausência de uma definição precisa dessa idéia. Ele afirma que, geralmente, uma “porção” corresponde à palavra que funciona como o sujeito, o objeto, o verbo, ou ainda um adjetivo ou um advérbio.

8 Ver Givón (1990, p.939), para uma referência aos estudos sobre outros “subsistemas de atenção”.

Minha análise centrou-se no sujeito, definindo-o como o *foco* da sentença em (11b) e como *tópico* em (11c). O sujeito de (11a) não pode ser definido nem como *tópico* nem como *foco*, nos moldes dos dois outros. Assim, apenas em (11b) o sujeito carrega a informação “nova” da sentença. Se, no entanto, toda sentença tende a trazer uma “peça” nova para a construção do discurso, é preciso supor que também em (11a) e (11c) vamos encontrar um elemento informativamente “novo”. Efetivamente, é possível considerar que o elemento em posição final de frase – “impossível” em (11a) e “22 anos” em (11c) – constitui o *foco* dessas sentenças.

Conclui-se então que os elementos que compõem o que se convencionou chamar de *comentário* (por oposição a *tópico*) obedecem a um princípio de equilíbrio da informação: o último elemento da frase é o mais “pesado” do ponto de vista da informação, quer ele seja o sujeito ou um complemento. Isso fica particularmente evidente nas frases em que o *comentário* é complexo, ou seja, quando é composto por mais de um elemento além do verbo (como em (11a-b)). Tomemos, por exemplo, (11b). Nessa frase os dois elementos que seguem o verbo já foram dados no contexto precedente. No entanto, a menção anterior do complemento “dessa magia” está relativamente mais próxima da frase analisada do que a menção precedente de “a admiração desses rapazes”, como se pode verificar em (8a). Assim, “dessa magia” é relativamente mais previsível que “a admiração desses rapazes”, aparecendo antes desse na ordem linear da frase.

A análise de sentenças com *comentário* complexo em que o sujeito não é *dado textualmente*, mas se caracteriza por estatutos informacionais diferentes, permite generalizar o “princípio de equilíbrio”, como mostram as frases em (12) e (13)

(12)

- a) *Tinha eu meus quinze anos* quando lá apareceu, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio. (Pena, 302:31)
- b) Lozinha: Recebi hoje o seu telegrama. *Vai a resposta em carta por vários motivos*: primeiro porque talvez chegue aí mais depressa que se fosse pelo arame; segundo porque posso escrever mais coisas; terceiro porque o correio cobra menos que o telégrafo; quarto e último, porque sábado lhe mandei notícias e uma pelega nova que você naturalmente já recebeu. (Graciliano, 132:4)
- c) *É a tatarana, mesma, a lagarta-de-fogo, com pelos urticantes. Crêem uns que se trate de uma variedade maior, de tatarana.* (Rosa, 27:32)

Além disso, a definição de *pólo* (ou “ponto de referência”) e sua associação com a ordem SV também me parecem apresentar problemas. Se o *pólo* é o elemento “que recebe o conteúdo do enunciado, no sentido de que o falante apresenta a informação como sendo relevante para o *pólo*” (Votre & Naro, 1986, p 457), temos que admitir que, no nível da sentença, os sujeitos das configurações VSX constituem o *pólo* do enunciado. Em geral, nesses casos, é o referente do sujeito que determina o fluxo principal da comunicação, é para ele que a informação vem sendo dirigida. Assim, mais uma vez, as conclusões dos dois autores foram determinadas pelo tipo de “dado” linguístico levado em conta em sua análise, que não inclui configurações VSX.

Finalizando, gostaria de reafirmar as vantagens da análise histórico-comparativa. Foi ao estender a análise do fenômeno de posposição do sujeito a mais de uma variedade do português e a estados anteriores da língua que pude chegar à percepção de fatos nem sempre observáveis no português moderno e, assim, a uma melhor compreensão geral do fenômeno. Desse modo, mais do que “usar o presente para explicar o passado”, para lembrar o título do clássico texto de Labov, trata-se de empreender uma viagem de ida e volta ao passado para verificar o que há de próprio a cada momento e aquilo que pode ser considerado característica geral da língua.

BERLINCK, R. de. A. *Not everything postposed is new: the informational status of NP and the subject position in Portuguese*. *Alfa (São Paulo)*, v.41, n.esp., p.57-78, 1997.

- **ABSTRACT:** *This paper discusses the current association between the preverbal position and the given information, on the one hand, and the postverbal position as well as the new information, on the other. The analysis of the subject position in a diachronic corpus of Brazilian and European Portuguese shows that this association is not necessary. In fact, informationally given subjects can also be postposed. Moreover, the postposed subject may appear in two different patterns – VSX or VXS –, depending on the degree of givenness or predictability in the elements of the comment. The ordering of these elements follows the “informational balance” principle, according to which the last element of a sentence is the “heaviest” from an informational point of view, either it is the subject or a complement.*
- **KEYWORDS:** *Portuguese language; linguistic variation; word order; subject position; informational status.*

Referências bibliográficas

- ANDRADE, R. *La position du sujet en portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Leuven, 1995. Thèse (Doctorat) – Katholieke Universiteit Leuven.
- ARIEL, M. Referring and accessibility. *Journal of Linguistics*, v.24, p.65-87, 1987.
- BERLINCK, R. A. *A ordem V SN no português do Brasil – sincronia e diacronia*. Campinas, 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas.
- _____. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 1989. p.95-112.
- _____. *A posposição do sujeito e a condição de mono-argumentalidade: revisão à luz de um estudo histórico-comparativo do português brasileiro e do português europeu*. (Em preparação).
- CHAFE, W. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. (Ed.) *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge: MIT Press. 1982. (Linguistic Inquiry Monograph, n.6).
- DELBECQUE, N. *Problèmes et méthodes de la variation syntaxique: le cas de la position du sujet en espagnol*. Leuven: Universitaire Pers Leuven, 1987.
- DU BOIS, J. W. The discourse basis of ergativity. *Language*, v.63, n.4, p.805-55, 1987.
- FIRBAS, J. On defining the theme in functional sentence analysis. *Travaux Linguistiques de Prague*, v.1, p.267-80, 1964.
- GIVÓN, T. On the VS word-order in Israeli Hebrew: pragmatics and typological change. In: COLE, P. (Ed.) *Studies in Modern Hebrew Syntax and Semantics*. Amsterdam: North-Holland, 1976.
- _____. The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: the pragmatics of tense-aspect. In: LI, C. (Ed.) *Mechanisms for Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977.
- _____. Definiteness and referentiality. In: GREENBERG, J. et al. (Ed.) *Universals of Human Language*. Stanford: Stanford University Press, 1978. v.4.
- _____. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In: HAIMAN, J., MUNRO, P. (Ed.) *Switch Reference, Typological Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. v.2.

- GIVÓN, T (Ed) *Topic Continuity in Discourse* quantitative cross-language studies Amsterdam John Benjamins, 1983
- _____ UTE interrogatives In CHISHOLM, W (Ed) *Interrogativity* Amsterdam John Benjamins, 1984 (Série TSL4)
- _____ The pragmatics of word-order predictability, importance and attention In HAMMOND, M et al (Ed) *Studies in Syntactic Typology* Amsterdam John Benjamins, 1988 p 243-84
- _____ *Syntax* a functional-typological introduction Amsterdam John Benjamins, 1990 v 2
- GRICE, H P Logic and conversation In COLE, P, MORGAN, J L (Ed) *Syntax and Semantics* New York Academic Press, 1975 v 3
- HETZRON, R The presentative movement or why the ideal word order is V S O P In LI, C (Ed) *Word Order and Word Order Change* Austin University of Texas Press, 1975
- HOPPER, P Aspect and foregrounding in discourse In GIVÓN, T (Ed) *Discourse and Syntax* New York Academic Press, 1979 v 12
- HOPPER, P, THOMPSON, S Transitivity in grammar and discourse *Language*, v 56, p 251-99, 1980
- KATO, M A, TARALLO, F Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese its correlations with invisible clitics and visible subjects GEORGETOWN ROUNDTABLE IN LANGUAGE AND LINGUISTICS, 34, 1988
- KATO, M A, NASCIMENTO, M, NICOLAU, E, BERLINCK, R, BRITTO, H Padrões de predicação na gramática do português falado In KATO, K (Ed) *Gramática do português falado* Campinas Ed Unicamp, Fapesp v 5 (No prelo)
- KOOPMAN, H, SPORTICHE, D The position of subjects *Lingua*, v 85, p 211-58, 1991
- LIRA, S A *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese* Pennsylvania, 1982 Dissertation (Ph D) - University of Pennsylvania
- MATHESIUS, V Zur Satzperspektive in modernen Englisch *Archiv für das Studium der modernen Sprachen u Literaturen*, v 84, n 155, p 200-10, 1929
- PAYNE, D Information structuring in Papago narrative discourse *Language*, v 62, p 783-804, 1987a
- _____ Meaning and pragmatics of order in selected South American Indian Languages Ocho Rios 1987 CONFERENCE ON THE ROLE OF THEORY IN LANGUAGE DESCRIPTION 1987b
- PRINCE, H Toward a taxonomy of given-new information In COLE, P (Ed) *Radical Pragmatics* New York Academic Press, 1981 p 223-55

- SGALL, P. Functional sentence perspective in a generative description. *Prague Studies in Mathematical Linguistics*, v.2, p.203-25, 1967.
- _____. L'ordre des mots et la sémantique. In: KIEFFER, F. (Ed.) *Studies in Syntax And Semantics*. Dordrecht: Reidel, 1969.
- TARALLO, F., KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística. *Preedição*, v.5, 1989.
- VOTRE, S., NARO, A. *Emergência da sintaxe como um efeito discursivo*. Rio de Janeiro, 1986. p.454-81. (Relatório final do Projeto Subsídios Sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação).